

a pousada no fim do rio

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para a Mamã e o Papá
Obrigada por serem meus.*



Os bosques são encantadores, escuros e profundos

*Mas eu tenho promessas a cumprir,
E milhas a percorrer antes de adormecer,
E milhas a percorrer antes de adormecer.*

— ROBERT FROST

Prólogo



O monstro estava de volta. Cheirava a sangue. Soava a terror. Ela não tinha outra hipótese senão fugir, e desta vez fugir na direção dele.

A maravilhosa floresta que fora outrora o seu refúgio, que sempre fora o seu santuário, era agora um pesadelo. A imponente majestade das árvores já não era um grande testemunho do vigor da natureza, mas uma jaula viva que podia aprisioná-la e escondê-lo. O luminoso tapete de musgo era um pântano borbulhante que lhe sugava as botas. Ela trespassou feno, reduzindo as folhas encharcadas a farrapos lodosos, patinou sobre um tronco apodrecido e destruiu a vida em desenvolvimento que ele abrigava.

Sombras verdes deslizavam à frente, ao lado e atrás dela, e pareciam sussurrar o seu nome.

Livvy, meu amor. Deixa-me contar-te uma história.

O ar saía aos soluços dos pulmões, a respiração dificultada pelo medo e pela perda. O sangue que ainda lhe manchava as pontas dos dedos tinha congelado.

Chovia, um batuque constante contra o dossel varrido pelo vento, um gotejar viscoso sobre a casca coberta de líquenes. A água ensopava o chão, e o mundo todo parecia molhado, maduro e algo faminto.

Ela já não sabia se era caça ou caçador, sabia apenas, através de um profundo instinto primitivo, que movimento significava sobrevivência.

Ela ia encontrá-lo, ou ele a ela. E, de alguma forma, tudo terminaria. Ela não iria acabar como um covarde. E se houvesse alguma luz no mundo, ela iria encontrar o homem que amava. Com vida.

Fechou na mão o sangue que sabia ser dele e agarrou-o como esperança.

O nevoeiro serpenteava em redor das suas botas e era rasgado pelas passadas longas e impensadas. O batimento do coração fustigava as costelas, as têmporas e as pontas dos dedos num feral ritmo pulsante.

Ela ouviu o estalo acima da cabeça e saltou para o lado no momento em que um ramo, fustigado pela água, vento e tempo, tombou no chão da floresta.

Uma pequena morte que significava vida nova.

Ela encerrou na mão a única arma que possuía, sabendo que teria de matar para sobreviver.

E através da luz verde profunda assombrada por sombras mais escuras, ela viu o monstro como se apresentava nos seus pesadelos.

Coberto de sangue, observando-a.

OLÍVIA

*Uma simples criança que respira suavemente,
E sente a vida em cada membro,
O que poderá saber da morte?*
— WILLIAM WORDSWORTH

1.

Beverly Hills, 1979



Olívia tinha quatro anos quando o monstro chegou. Intrometia-se em sonhos que não eram sonhos e dilacerava com mãos ensanguentadas a inocência que os monstros mais cobiçam.

Numa noite de verão, quando a Lua estava cheia e brilhante como o coração de uma criança e a brisa suavemente perfumada com rosas e jasmim, ele entrou na casa para caçar, para matar, para deixar para trás a escuridão indiferente e o fedor a sangue.

Nada foi como antes depois da chegada do monstro. A casa encantadora com os seus grandes quartos e acres de pisos luzidios carregaria para sempre a mancha do seu fantasma e o eco da inocência perdida de Olívia.

A mãe tinha-lhe dito que os monstros não existiam, que eram apenas a fingir, e que os sonhos maus não passavam de sonhos. Mas na noite em que ela viu, ouviu e cheirou o monstro, a mãe não pôde dizer-lhe que não era verdadeiro.

E não havia mais ninguém para se sentar na sua cama, para lhe afagar os cabelos e lhe contar histórias bonitas até ela voltar a adormecer.

O pai contava-lhe as melhores histórias, histórias maravilhosamente tolas com girafas cor-de-rosa e vacas de duas cabeças. Mas ele tinha adoecido, e a doença tinha-o feito fazer coisas más e dizer palavrões numa voz alta e rápida que não parecia nada a dele. Ele tinha sido obrigado a ir-se embora. A mãe dissera-lhe que ele se ia embora até estar curado. Era por isso que ele só podia ir visitá-la de vez em quando, e a mãe, a tia Jamie ou o tio David tinham de ficar no quarto o tempo todo.

Certo dia, tinham-na deixado ir à casa nova do pai que ficava na praia. A tia Jamie e o tio David tinham-na levado, e ela ficara fascinada e encantada a ver, através da ampla parede envidraçada, as ondas subirem e descerem, a água estender-se infinitamente até tocar o céu.

Então, o pai quis levá-la à praia para brincar com ela, para construir castelos de areia. Mas a tia não deixara. Não era permitido. Os dois tinham

discutido, primeiro naquele tom de voz baixo que os adultos acham que as crianças não ouvem. Mas Olívia tinha ouvido e sentara-se àquela enorme janela a fitar intensamente a água. E quando as vozes começaram a elevar-se, ela obrigou-se a não ouvir, porque lhe faziam doer a barriga e arder a garganta.

E ela recusava-se a ouvir o pai a chamar palavrões à tia Jamie, ou o tio David a dizer numa voz áspera: *Tem cuidado, Sam. Tem cuidado. Isto não vai ajudar-te.*

Por fim, a tia Jamie tinha dito que eles tinham de se ir embora e tinha-a levado para o carro. Ela tinha acenado por cima do ombro da tia, mas o pai não lhe tinha respondido. Fitara-a apenas e as suas mãos tinham permanecido cerradas em punhos.

Não a tinham deixado regressar à casa da praia para ver de novo as ondas.

Mas o pesadelo tinha começado antes disso. Semanas antes da casa da praia, ainda mais semanas antes de o monstro aparecer.

Tudo acontecera após a noite em que o pai entrara no quarto dela e a acordara. Ele andara nervosamente de um lado para o outro, sussurrando para si mesmo. Era um som áspero, mas quando Olívia o escutara na grande cama com o seu dossel de renda branco, não sentira medo. Porque era o papá. Até quando o luar iluminara o rosto dele e o revelara com uma expressão má-lévola e os olhos demasiado cintilantes, continuara a ser o seu papá.

Amor e ansiedade preenchiam-lhe o coração.

O pai tinha dado corda à caixa de música que ela tinha sobre a cómoda, a que tinha a Fada Azul do Pinóquio e que tocava «When You Wish Upon a Star».

Olívia sentara-se na cama e sorriera cheia de sono. — Olá, papá. Conta-me uma história.

— Vou contar-te uma história. — Ele tinha virado a cabeça e fitado a filha, o pequeno vulto de cabelo louro desgrenhado e grandes olhos castanhos. Mas só tinha visto a própria fúria. — Vou contar-te uma história e tanto, minha querida Livvy. É sobre uma pega muito bonita que aprende como mentir e enganar.

— Onde vivia a égua, papá?

— Que égua?

— A que era muito bonita.

Ele tinha-se voltado para trás nessa altura com um esgar nos lábios. — Nunca ouves o que eu digo! Não ouves mais do que ela! Eu disse *pega*, raios!

O estômago de Olívia deu um salto quando ele gritou, e ela sentiu um sabor esquisito a metal que não reconheceu como medo. Era a primeira vez que o sentia. — O que é uma pega?

— A tua mãe. A tua mãe é uma pega. — Passou com o braço por cima da cómoda e deitou a caixa de música e mais uma dúzia de pequenos tesouros ao chão.

Na cama, Olívia encolheu-se e começou a chorar.

Ele estava a gritar com ela, a pedir-lhe desculpas. *Para já com a choradeira!* Ia comprar-lhe uma caixa de música nova. Quando se aproximara para a pegar ao colo, ela sentira um cheiro esquisito, como cheirava uma sala depois de uma festa de adultos e antes de a Rosa fazer a limpeza.

Então a mãe entrara esbaforida. Tinha os longos cabelos soltos, e a camisa de noite brilhava ao luar.

— Sam, por amor de Deus, o que estás a fazer? Pronto, Livvy, não chores. O papá está arrependido.

O ressentimento quase o sufocou quando ele olhou para as duas cabeças louras juntas. O choque de constatar que tinha os punhos cerrados, que queriam, *ansiavam*, bater, quase o fez cair em si. — Já lhe pedi desculpa.

Mas quando ele começou a avançar, com intenção de se desculpar uma vez mais, a mulher levantou a cabeça. Na escuridão, os olhos dela brilhavam com uma ferocidade que tocava as raias do ódio. — Não te aproximes dela. — E a ameaça violenta na voz da mãe tinha feito Olívia gemer.

— Não me digas para não me aproximar da minha filha. Estou farto de receber ordens tuas, Julie!

— Estás pedrado outra vez. Não te deixo chegares-te a ela quando estivesse a consumir.

Depois, Olívia só conseguiu ouvir gritos horríveis, mais coisas a estilhaçar, o som da mãe a gritar de dor. Para fugir daquilo, desceu da cama e enfiou-se no roupeiro para se enterrar no meio da sua montanha de peluches.

Mais tarde, Olívia soube que a mãe tinha conseguido trancá-lo fora do quarto e que tinha chamado a polícia a partir do seu telefone do Rato Mickey. Mas naquela noite, ela só sabia que a mãe se tinha enfiado no roupeiro com ela, a abraçara com força e lhe prometera que tudo ficaria bem.

Tinha sido nessa altura que o pai se tinha ido embora.

Recordações daquela noite conseguiam intrometer-se nos seus sonhos. Quando isso acontecia e ela acordava, Olívia descia da cama e ia para o quarto da mãe, que ficava mesmo no fim do corredor. Para ter a certeza de que ela lá estava. Para ver se o pai já tinha voltado e já estava bom outra vez.

Às vezes iam para um hotel, ou para outra casa. O trabalho da mãe obrigava-a a viajar. Depois de o pai ter adoecido, Olívia ia sempre com ela. As pessoas diziam que a mãe dela era uma estrela, e Olívia tinha vontade de rir. Ela sabia que as estrelas eram as luzinhas no céu e que a mãe estava mesmo ali ao pé dela.

A mãe de Olívia fazia filmes e muitas pessoas iam visitá-la fingindo ser outra pessoa. O pai também fazia filmes, e ela sabia a história de como os dois se tinham conhecido enquanto fingiam que eram outras pessoas. Tinham-se apaixonado e casado, e tinham tido uma filha.

Quando Olívia sentia saudades do pai, podia ver no livro de couro as fotografias todas do casamento, quando a mãe tinha sido uma princesa com um longo vestido branco que cintilava e o pai tinha sido o príncipe com o seu fato negro.

Havia um grande bolo prateado e branco, e a tia Jamie tinha usado um vestido azul que a fazia quase tão bonita como a mãe. Olívia imaginava-se dentro das fotografias. Ela usaria um vestido cor-de-rosa e flores no cabelo, e daria as mãos aos pais e sorriria. Nas fotografias, todos sorriam e estavam felizes.

Naquela primavera e naquele verão, Olívia olhou muitas vezes para o grande livro de couro.

Na noite em que o monstro apareceu, Olívia ouviu gritos enquanto dormia e começou a contorcer-se e a choramingar. *Não lhe façás mal*, pensou. *Não façás mal à minha mamã. Por favor, papá.*

Então acordou com um grito na cabeça e o eco no ar. E a querer a mãe.

Desceu da cama, os pezinhos silenciosos sobre a carpete. Esfregando os olhos, deambulou pelo corredor, onde a luz era fraca.

Mas o quarto, com a sua grande cama azul e bonitas flores brancas, estava vazio. O cheiro da mãe estava lá, um conforto. Todos os frascos e potes mágicos estavam no toucador. Olívia entreteve-se um pouco a brincar com eles e a fingir que punha as cores e cheiros como a mãe fazia.

Um dia também ela seria bonita. Como a mamã. Era o que todos diziam. Olívia cantarolava para si mesma enquanto se enfeitava e posava perante o espelho alto, rindo baixinho ao imaginar-se vestindo um longo vestido branco, como uma princesa.

Quando se cansou disto e se sentiu de novo sonolenta, saiu do quarto em busca da mãe.

Ao aproximar-se das escadas, viu que as luzes estavam acesas no piso inferior. A porta de casa estava aberta e a brisa de finais de verão agitou-lhe a camisa de noite.

Ela pensou que deviam ter visitas e que talvez houvesse bolo. Silenciosa como um rato, desceu as escadas, levando as mãos à boca para conter um risinho.

E ouviu a música do filme preferido da mãe, *Bela Adormecida*, tocando bem alto.

A sala de estar expandia-se a partir do *hall* de entrada, com altos tetos abobadados, e oceanos de vidro que abriam a sala para o jardim que a mãe adorava. Havia uma enorme lareira de lápis-lazúli e o chão era de puro mármore branco. Flores jorravam de jarras de cristal e os candeeiros tinham *abat-jours* da cor de pedras preciosas.

Mas naquela noite as jarras estavam partidas, estilhaçadas nos ladrilhos, e as suas flores exóticas elegantes amachucadas e murchas. As brilhantes paredes cor de marfim estavam salpicadas de vermelho, e as mesas que a alegre Rosa mantinha bem polidas estavam de pernas para o ar.

Havia um cheiro terrível que parecia colar-se à garganta de Olívia e lhe provocava náuseas.

A música prosseguia num crescendo, um culminar de cordas soluçantes.

Olívia viu vidro cintilando no chão como diamantes espalhados e riscos a vermelho manchando o chão branco. Choramingando pela mãe, entrou na sala. E viu.

Atrás do canto do sofá grande, a mãe jazia de lado, um braço estendido, dedos bem abertos. O cabelo louro estava molhado com sangue. Tanto sangue. O robe branco que tinha vestido estava também vermelho de sangue e todo esfarrapado.

Ela não conseguiu gritar. Não conseguiu. Os olhos começaram a revirar-se, o coração a bater com força contra as costelas e um fio de urina a escorrer-lhe pelas pernas. Mas ela não conseguiu gritar.

Então, o monstro que estava agachado sobre a sua mãe, o monstro com mãos vermelhas até aos pulsos, com riscos vermelhos na cara e na roupa, ergueu os olhos. O seu olhar era louco e brilhante como o vidro que cintilava no chão.

— Livvy — disse o pai. — Céus, Livvy!

E quando ele se levantou aos tropeções, ela viu o brilho prateado e vermelho da tesoura ensanguentada que estava na mão dele.

Mas continuava a não conseguir gritar. E começou a correr. O monstro era verdadeiro, o monstro vinha atrás dela e ela tinha de se esconder. Olívia ouviu um longo e choroso gemido, como o uivo de um animal agonizante na floresta.

Ela correu para o seu roupeiro e enterrou-se no meio dos brinquedos de peluche. Ali também escondeu a sua mente. Fitou cegamente a porta, chupando silenciosamente o polegar, e mal ouvia o monstro que continuava a uivar e a chamar por ela.

Portas batiam como tiros de arma. O monstro soluçava e gritava, destruindo a casa enquanto chamava o nome dela. Um touro selvagem com sangue nos cornos.

Olívia, uma boneca entre bonecos, encolheu-se bem e esperou que a mãe a fosse acordar do pesadelo.

* * *

Foi ali que Frank Brady a encontrou. Ela podia ter passado despercebida, no meio de tantos ursos e cães e bonecas bonitas. Ela não se mexia, não emitia um único som. O cabelo era de um louro-dourado, brilhante como chuva sobre os ombros; o rosto oval incolor, dominado por enormes olhos âmbar sob sobrancelhas tão escuras como pele de marta.

Os olhos da mãe, pensou ele com lúgubre compaixão. Olhos que ele fitara dezenas de vezes no cinema. Olhos que ele examinara menos de uma hora antes e que encontrara vítreos e sem vida.

Os olhos da criança olharam para ele, através dele. Reconhecendo choque, ele agachou-se e pousou as mãos nos joelhos em vez de tocar na menina.

— Sou o Frank — disse ele em voz baixa, mantendo os olhos nos dela. — Não te vou fazer mal. — Parte dele queria chamar o parceiro, ou alguém da equipa de investigação, mas ele achou que um grito poderia assustá-la. — Sou agente da polícia. — Muito lentamente, ergueu uma mão para indicar o distintivo que tinha no bolso do peito. — Sabes o que faz um polícia, querida?

Ela continuou simplesmente a fitá-lo, mas ele achou que tinha visto uma faúlha nos olhos da menina. *Consciência*, pensou Frank. *Ela consegue ouvir-me*. — Nós ajudamos pessoas. Estou aqui para tomar conta de ti. Estes bonecos são todos teus? — Ele sorriu para ela e pegou num Sapo Cocas de borracha. — Eu conheço este maroto. Entra na *Rua Sésamo*. Costumas ver na televisão? O meu patrão é igualzinho ao Óscar, o rabugento. Mas não lhe contes que eu disse isto.

Como ela não respondeu, ele pegou em todos os personagens da *Rua Sésamo* de que se lembrava, fazendo comentários, deixando o Sapo Cocas pular-lhe em cima do joelho. O modo como ela o observava, de olhos esbugalhados e atterradoramente vítreos, cortava-lhe o coração.

— Queres sair agora? Tu e o Cocas? — Frank estendeu uma mão e esperou.

A dela levantou-se como a de uma marionete. Então, quando se estabeleceu o contacto, ela caiu nos braços dele, estremeecendo e enterrando a cara no ombro dele.

Frank era polícia havia dez anos e, mesmo assim, estava comovido.

— Pronto, bebé. Está tudo bem. Vais ficar bem. — Frank afagou-lhe os cabelos com uma mão e embalou-a por um momento.

— O monstro está cá — sussurrou ela.

Frank parou então, pegou nela ao colo e levantou-se. — Ele já se foi embora.

— O senhor foi atrás dele?

— Ele fugiu. — Frank olhou em redor, encontrou um cobertor e embrulhou a menina.

— Eu tive de me esconder. Ele estava à minha procura. Ele tinha a tesoura da mamã. Eu quero a mamã.

Deus. Meu Deus, era só o que vinha ao pensamento dele.

Ao escutar passos no corredor, Olívia soltou um gemido e agarrou-se com força ao pescoço de Frank. Ele murmurou-lhe, dando-lhe palmadinhas nas costas enquanto se dirigia para a porta.

— Frank, aí está... encontraste-a. — O detetive Tracy Harmon observou atentamente a menina abraçada ao parceiro e passou uma mão pelos cabelos. — O vizinho disse que há uma irmã. Jamie Melbourne. O marido é David Melbourne, um agente musical. Vivem a apenas um quilómetro daqui.

— É melhor avisá-los. Querida, queres ir ver a tua tia Jamie?

— A mamã está lá?

— Não. Mas acho que ela queria que tu fosses.

— Tenho sono.

— Podes dormir, querida. Fecha os olhos.

— Ela viu alguma coisa? — murmurou Tracy.

— Sim. — Frank acariciou os cabelos da menina e ela fechou os olhos.

— Sim, acho que ela viu de mais. Podemos agradecer a Deus o patife estar demasiado pedrado para a encontrar. Telefona à irmã. Vamos levar já a miúda antes que a imprensa saiba disto.

* * *

Ele voltou. O monstro voltou. Ela via-o a deslizar pela casa com a cara do pai e a tesoura da mãe. Sangue escorria pelas lâminas como fitas brilhantes. Com a voz do pai, ele sussurrava incessantemente o nome dela.

Livvy, Livvy, meu amor. Sai daí. Sai e eu conto-te uma história.

E as lâminas compridas e afiadas na sua mão abriam e fechavam enquanto ela corria em direção ao guarda-roupa.

— Não, papá! Não, não, não!

— Livvy. Oh, querida, está tudo bem. Eu estou aqui. A tia Jamie está aqui.

— Não o deixes entrar. Não o deixes encontrar-me. — Choramingando, Livvy afundou-se nos braços de Jamie.

— Eu não deixo. Prometo. — Devastada, Jamie encostou o rosto à curva frágil do pescoço da sobrinha. Depois embalou-a à delicada meia-luz do candeeiro da mesinha de cabeceira até Olívia parar de tremer. — Eu protejo-te.

Jamie pousou a face no topo da cabeça de Olívia e deixou as lágrimas rolarem. Não se permitiu soluçar, embora soluços quentes e amargos se acumulassem na sua garganta. As lágrimas eram silenciosas, deslizando-lhe pelas faces e humedecendo o cabelo da menina.

Julie. Oh, meu Deus!

Ela queria gritar o nome da irmã. Queria berrá-lo. Mas tinha de pensar na criança que naquele momento adormecia nos seus braços.

Julie teria querido que lhe protegessem a filha. Deus sabia como ela tinha tentado proteger a sua menina.

E agora Julie estava morta.

Jamie continuou a baloiçar-se, acalmando-se agora que Olívia dormia nos seus braços. A mulher inteligente e bonita com a gargalhada perversamente rouca, o coração bondoso e o talento infinito, morta aos trinta e dois anos. Assassinada, tinham-lhe dito os dois detetives de olhar soturno, pelo homem que tinha afirmado amá-la até à loucura.

Bem, Sam Tanner era louco, pensou Jamie enquanto cerrava as mãos em punhos brutais. Louco com ciúmes, com drogas, com desespero. Agora tinha destruído o objeto da sua obsessão.

Mas nunca poria as mãos em cima da menina.

Delicadamente, Jamie voltou a deitar Olívia, ajeitou-lhe as cobertas e deixou por instantes os dedos sobre o cabelo louro. Ela lembrava-se da noite em que Olívia nascera, do modo como Julie tinha rido entre contrações.

Só Julie MacBride era capaz de se rir com o trabalho de parto, pensou Jamie. E Sam tinha estado incrivelmente bonito e nervoso, os olhos azuis

cintilando com excitação e medo, o cabelo negro desgrenhado que ela própria tinha alisado com os dedos para o acalmar.

Depois, ele tinha levado aquela menina linda até ao vidro com os olhos cheios de lágrimas de amor e assombro.

Sim, ela lembrava-se disso, e lembrava-se de pensar, enquanto sorria para ele através daquele vidro, que eram perfeitos. Os três faziam a família perfeita. Eram perfeitos uns para os outros.

Assim parecera na altura.

Jamie aproximou-se da janela e fitou o infinito. A estrela de Julie estava em ascensão, e a de Sam já ia alto. Tinham-se conhecido durante a gravação de um filme, apaixonado perdidamente e casado quatro meses depois enquanto a imprensa delirava com eles.

Jamie admitia que tinha ficado preocupada. Tinha tudo acontecido tão depressa, tão ao estilo de Hollywood. Mas Julie sempre soubera exatamente o que queria, e ela queria Sam Tanner. Durante uns tempos haviam parecido felizes para sempre, como as histórias que Julie contava à filha ao deitar.

Mas este conto de fadas tinha acabado em pesadelo — a quarteirões de distância, apenas a alguns quarteirões de distância enquanto ela dormia, pensou Jamie, fechando com força os olhos para conter os soluços.

Os clarões súbitos fizeram-na saltar para trás e o coração começou a bater desenfreadamente. *O David*, pensou ela, e virou-se rapidamente para a cama para verificar se Olívia dormia pacificamente. Deixando a luz baixinha, saiu apressadamente do quarto. Estava a descer as escadas quando a porta se abriu e o marido entrou.

Ele ficou parado durante um tempo, um homem alto de ombros largos. O cabelo castanho-escuro estava remexido, os olhos, uma mistura discreta de cinzento e verde, repletos de fadiga e horror. Força fora o que ela sempre encontrara neles. Força e estabilidade. Agora, ele parecia doente e abalado, a habitual compleição morena estava pálida, um músculo pulava no queixo retangular e firme.

— Céus, Jamie! Oh, meu Deus! — A voz cedeu e, de alguma forma, isso piorou a situação. — Preciso de uma bebida. — Virou costas e caminhou tremulamente até ao salão da frente.

Ela teve de se agarrar ao corrimão para não cair antes de conseguir ordenar às pernas para se mexerem, para o seguirem. — David?

— Preciso de um minuto. — As mãos dele tremiam visivelmente quando ele tirou uma garrafa de *whisky* do bar e se serviu de um copo. David apoiou

uma mão na madeira, levantou o copo com a outra e bebeu-o como se fosse remédio. — Céus, o que ele lhe fez!

— Oh, David! — explodiu ela. O controlo que tinha conseguido manter desde que a polícia lhe tinha batido à porta estilhaçou-se. Jamie deixou-se cair no chão em espasmos, soluços e tremores.

— Desculpa, desculpa. — Ele correu até ela e abraçou-a com força. — Oh, Jamie, lamento imenso.

E ali ficaram, no chão da bonita sala, enquanto o dia nascia. Ela chorava em súbitos espasmos descontrolados e ele indagava-se como é que os ossos dela não se quebravam com a força dos mesmos.

Os espasmos transformaram-se em gemidos que eram o nome da irmã e depois os gemidos deram lugar ao silêncio.

— Vou levar-te para cima. Precisas de te deitar.

— Não, não, não. — As lágrimas tinham ajudado. Jamie disse para si mesma que tinham ajudado, embora a tivessem deixado esgotada e dorida. — A Livvy pode acordar. Vai precisar de mim. Eu fico bem. Tenho de ficar.

Endireitou-se, passando as mãos pelo rosto para o secar. A cabeça latejava como uma ferida aberta, o estômago era uma concentração de câibras. Mas ela levantou-se. — Preciso que me digas. Preciso que me contes tudo. — Quando ele abanou a cabeça, ela ergueu o queixo. — Eu preciso de saber, David.

Ele hesitou. Ela parecia tão cansada, tão pálida e frágil. Onde Julie fora longa e robusta, Jamie era pequena e delicada. Ambas tinham uma aparente delicadeza que ele sabia ser enganadora. Ele brincara muitas vezes com o facto de as irmãs MacBride serem miúdas de fibra, criadas para escalar montanhas e andarem pelas florestas.

— Vamos fazer um café. Conto-te tudo o que sei.

Como a irmã, Jamie tinha-se recusado a ter empregados a tempo inteiro. Tratava-se da sua casa e ela não ia sacrificar a sua privacidade. A empregada só chegaria daí a duas horas, por isso ela preparou o café enquanto David se sentava à bancada a olhar pela janela.

Não falaram. Na sua cabeça, Jamie recapitulava as tarefas que teria de enfrentar naquele dia. O telefonema aos pais seria a pior, e ela estava já a preparar-se para isso. Providências para o funeral tinham de ser tomadas — com cuidado, para assegurar o máximo de dignidade e privacidade. A imprensa estaria a salivar. Ela ia garantir que a televisão se manteria desligada enquanto Olívia estivesse em sua casa.

Jamie pousou duas chávenas de café em cima da bancada e sentou-se: — Conta-me.

— Não há muito a acrescentar ao que o detetive Brady já nos disse — começou David. — Não houve entrada forçada. Ela deixou-o entrar. Ela estava... vestida para se deitar, mas ainda não tinha ido para a cama. Parece que estava na sala a tratar de recortes. Sabes o quanto ela gostava de enviar recortes aos teus pais.

David passou as mãos pela cara e depois pegou no café. — Eles devem ter discutido. Havia sinais de luta. Ele atacou-a com a tesoura. — Os olhos dele transbordavam horror. — Jamie, ele deve ter perdido a cabeça.

David olhou para a mulher e fitou-a. Quando lhe pegou na mão, ela apertou-lha com força. — Ele... foi uma coisa rápida?

— Eu não... nunca vi... ele enlouqueceu. — David fechou os olhos por um instante. De qualquer forma, ela ia acabar por saber. Haveria fuga de informação, os *media* encher-se-iam de verdades e mentiras. — Jamie, ela estava... ele apunhalou-a repetidamente e cortou-lhe o pescoço.

A cor esvaiu-se do rosto de Jamie, mas ela manteve a mão firme na dele. — Ela ofereceu resistência? Deve ter lutado com ele. Deve tê-lo magoado.

— Não sei. Têm de fazer uma autópsia. Saberemos mais depois. Eles acham que a Olívia viu alguma coisa e depois se escondeu dele. — David bebeu café na vaga esperança de que este lhe acalmasse o estômago. — Querem falar com ela.

— Ela não pode ser submetida a isso. — Desta vez, ela recuou, soltando a mão. — Ela não passa de um bebé, David. Não vou permitir que eles a submetam a isso. Eles sabem que foi ele — disse ela com um amargor feroz e rancoroso. — Não permitirei que a filha da minha irmã seja interrogada pela polícia.

David expirou longamente. — Ele afirma que encontrou a Julie naquele estado. Que entrou e a encontrou já morta.

— Mentiroso. — Os olhos de Jamie faiscavam, e a cor voltou-lhe às faces, intensa e apaixonadamente. — Sacana assassino! Quero-o morto. Quero matá-lo com as minhas próprias mãos! Ele fez da vida dela um inferno neste último ano e agora matou-a. Arder no inferno não basta.

Jamie afastou-se com vontade de bater em alguma coisa, de reduzir alguma coisa a fânicos. Depois estacou quando viu Olívia à porta a olhar fixamente para si de olhos esbugalhados.

— Livvy.

— Onde está a mamã? — O lábio inferior tremelicava. — Quero a minha mamã.

— Livvy. — Com a raiva esvaindo-se em dor, e a dor em impotência, Jamie baixou-se e pegou-a ao colo.

— O monstro fez mal à minha mamã. Ela já está bem?

Por cima da cabeça da criança, os olhos desesperados de Jamie fitaram os do marido. Ele estendeu uma mão e ela aproximou-se para que os três pudessem abraçar-se.

— A tua mãe teve de partir, Livvy. — Jamie fechou os olhos enquanto depositava um beijo na testa de Olívia. — Ela não queria, mas teve de ir.

— Ela volta depressa?

Jamie sentiu uma agitação no peito, como uma onda quebrando-se contra um rochedo. — Não, querida. Ela não vai voltar.

— Ela volta sempre.

— Desta vez, ela não pode. Teve de ir para o Céu para ser um anjo.

Olívia esfregou os olhos. — Como num filme?

Como as pernas estavam a começar a tremer-lhe, Jamie sentou-se, embalando a filha da irmã. — Não, querida, desta vez não é como num filme.

— O monstro fez-lhe mal e eu fugi. Por isso ela não vai voltar. Está zangada comigo.

— Não, não, Livvy. — Rogando por sabedoria, Jamie recostou-se e emoldurou o rosto de Olívia entre as mãos. — Ela queria que tu fugisses. Ela queria que tu fosses uma menina esperta e que fugisses e te escondesses. Para ficares em segurança. Era isso que ela mais queria. Se não tivesses feito isso, ela teria ficado muito triste.

— Então ela vai voltar amanhã. — Amanhã era um conceito que ela conhecia apenas como mais tarde, depois, em breve.

— Livvy. — Acenando com a cabeça à mulher, David passou a criança para o seu colo e ficou aliviado quando ela encostou a cabeça ao seu peito e suspirou. — Ela não pode voltar, mas vai estar sempre a observar-te do Céu.

— Não quero que ela esteja no Céu. — Olívia começou então a chorar em pequenos soluços fungosos. — Quero ir para casa para ao pé da minha mamã.

Quando Jamie tentou pegar-lhe, David abanou a cabeça. — Deixa-a chorar — murmurou ele.

Jamie contraiu os lábios e acenou concordantemente com a cabeça. Depois, levantou-se para ir até ao quarto telefonar aos pais.

2.



A imprensa perseguia implacavelmente, uma matilha de lobos raivosos farejando sangue. Pelo menos era assim que Jamie pensava quando se barricou com a família dentro de casa. Para ser justa, grande parte dos jornalistas estava em choque e transmitia a história com o máximo de cuidado que as circunstâncias permitiam.

Julie MacBride tinha sido bem amada — desejada, admirada e invejada — mas, ainda assim, amada.

Mas Jamie não estava a sentir-se particularmente justa. Não quando Olívia ficava sentada na sala de visitas como se fosse uma boneca ou deambulava pela casa tão pálida como um fantasma. Não bastava a criança ter perdido a mãe de uma forma tão horrível? Não bastava ela própria ter perdido a irmã, sua gémea, a sua melhor amiga?

Mas ela vivia já há oito anos no mundo ofuscante de Hollywood, com as suas sombras sedutoras, e sabia que nunca bastava.

Julie MacBride tinha sido uma figura pública, um ícone de beleza, talento e sexo, uma rapariga do campo que se tinha transformado numa glamorosa princesa do cinema e que tinha casado com o príncipe regente e vivido com ele no seu castelo cintilante em Beverly Hills.

Os que deixavam o dinheiro na bilheteira, os que devoravam os artigos espampanantes da *People* ou os absurdos dos tabloides, consideravam-na sua. Julie MacBride do sorriso rápido e deslumbrante e da voz rouca.

Mas não a conheciam. Oh, achavam que sim, com as suas revelações, as suas entrevistas e artigos sensacionalistas. Julie fora certamente aberta e sincera na maioria deles. Ela era assim, e nunca dera o seu sucesso por garantido. Sempre fora algo que a entusiasmava e deliciava. Mas independentemente de quanto papel, gravações ou filmes fossem gastos com a atriz, nunca ninguém compreendera realmente a mulher: o seu sentido de humor, o amor pela floresta e pelas montanhas do estado de Washington em que crescera, a lealdade absoluta para com a família, o amor e devoção inabaláveis pela filha.

E o amor trágico e imortal pelo homem que a tinha matado.

Era isso que Jamie tinha maior dificuldade em aceitar. Não conseguia

parar de pensar que ela o tinha deixado entrar. No final, tinha-se deixado levar pelo coração e tinha aberto a porta ao homem que amava, mesmo sabendo que ele já não era esse homem.

Teria ela feito a mesma coisa? As duas tinham partilhado bastante, eram mais do que irmãs, mais do que amigas. Em parte devido ao facto de serem gémeas, sem dúvida, mas a acrescentar a isso o facto de terem crescido juntas no meio da natureza. As horas, os dias, as tardes que tinham passado juntas a explorar, a aprender, a apreciar os aromas, sons e segredos da floresta. Seguindo trilhos, dormindo sob as estrelas. Partilhando sonhos com a mesma naturalidade com que outrora tinham partilhado o ventre.

Agora era como se algo em Jamie tivesse também morrido. A parte mais generosa, pensava ela. A mais fresca e vulnerável. Ela duvidava que algum dia fosse capaz de voltar a sentir-se completa. Ela sabia que nunca mais seria a mesma.

Forte, podia ser forte. Teria de ser. Olívia dependia dela; David ia precisar dela. Ela sabia que também ele tinha amado Julie e a vira como uma irmã. E os pais delas como seus.

Jamie parou de andar de um lado para o outro e olhou para as escadas. Eles estavam lá, com Olívia, no quarto dela. E iam também precisar dela. Por muito fortes que fossem, iam precisar da única filha que lhes restava para os ajudar a ultrapassar as semanas seguintes.

Quando a campainha da porta tocou, ela sobressaltou-se e depois fechou os olhos. Ela, que em tempos se considerara tão destemida, assustava-se agora por tudo e por nada. Jamie inspirou profundamente e expirou lentamente.

David tinha conseguido uns seguranças para a casa, e os jornalistas tinham recebido ordens para não entrarem na propriedade. Mas, durante aquele dia terrível e infundável, ocasionalmente havia um que conseguia passar. Ela queria ignorar a campainha. Deixá-la tocar e tocar e tocar. Mas isso iria perturbar Olívia e os seus pais.

Jamie dirigiu-se à porta tencionando arrancar a pele ao jornalista, mas, através dos painéis de vidro embutido, reconheceu os detetives que lá tinham ido ainda de madrugada para lhe dizer que Julie estava morta.

— Sra. Melbourne. Desculpe incomodá-la.

Foi Frank Brady quem falou, e foi nele que Jamie se concentrou. — Detetive Brady, não é?

— Sim. Podemos entrar?

— Claro. — Jamie recuou. Frank reparou que ela tinha controlo suficiente para se manter atrás da porta para evitar que as equipas de filmagem a

apanhassem. Tinha sido no controlo dela que ele havia reparado, e admirado, na noite anterior.

Frank recordou que ela tinha corrido para fora de casa, mesmo antes de eles terem estacionado à entrada. Mas assim que ela vira a menina nos braços dele, parecera acalmar-se e cair em si. Ela tinha pegado na sobrinha, aconchegando-a nos braços, e tinha-a levado para o quarto.

Frank observou-a de novo com atenção enquanto ela os conduzia à sala.

Ele sabia agora que ela e Julie MacBride eram gémeas, sendo Jamie sete minutos mais velha. Contudo, não havia tantas semelhanças como seria de esperar. Julie MacBride fora detentora de uma beleza fulgurante — apesar dos traços delicados e da pele clara, ela tinha irradiado uma chama que quase incendiava o espetador.

A irmã tinha uma aparência mais sóbria, cabelo mais castanho do que louro por altura do queixo, olhos mais chocolate do que ouro sem aquele formato sensual. Frank calculava que ela medisse pouco mais de um metro e meio e pesasse cerca de cinquenta quilos, enquanto a irmã fora uma mulher de um metro e setenta.

Ele indagava-se se ela teria tido inveja da irmã, daquela aparência perfeita e da fama excessiva.

— Desejam alguma coisa? Um café?

Foi Tracy quem respondeu, pensando que precisava de fazer alguma coisa normal antes de ir direto ao assunto. — Não me importava de beber um café, Sra. Melbourne. Se não der muito trabalho.

— Não... vou já tratar disso. Sentem-se, por favor.

— Ela está a aguentar-se — comentou Tracy quando já se encontrava a sós com o parceiro.

— Ela é forte. — Frank entreabriu os cortinados para observar a multidão de jornalistas nos limites da propriedade. — Isto vai dar pano para mangas. Não é todos os dias que a princesa da América é esfarripada dentro do próprio castelo.

— Pelo príncipe — acrescentou Tracy. Tocou no bolso onde guardava os cigarros e depois pensou melhor no assunto. — Talvez tenhamos mais uma hipótese com ele antes que ele se recomponha e chame um advogado.

— Então é melhor apressarmo-nos. — Frank fechou o cortinado e virou-se no momento em que Jamie regressava à sala com um tabuleiro de café.

Sentou-se depois dela. Não sorriu. Os olhos dela diziam-lhe que ela não requeria, nem queria, amenidades nem máscaras. — Agradecemos a sua compreensão, Sra. Melbourne. Sabemos que é uma altura complicada para si.

— Neste momento parece que nunca vai deixar de o ser. — Jamie esperou que Tracy deitasse duas colheres de açúcar na caneca de café. — Querem falar comigo acerca da Julie.

— Sim, senhora. Tinha conhecimento de que há cerca de três meses a sua irmã ligou para o 112 devido a um problema doméstico?

— Sim. — As mãos dela estavam firmes quando ela levantou a própria caneca. — O Sam chegou a casa com uma atitude abusiva. Desta vez, fisicamente abusiva.

— Desta vez?

— Ele já tinha sido verbal e emocionalmente abusivo anteriormente. — A voz dela era enérgica e clara. Jamie recusava-se a deixá-la tremer. — Que eu saiba, durante o último ano e meio.

— É da sua opinião que o Sr. Tanner tem problemas com drogas?

— Sabe perfeitamente que o Sam é um viciado. — Os olhos dela estavam fixos nos de Frank. — Se ainda não tinha percebido isso, então está na profissão errada.

— Desculpe, Sra. Melbourne. O detetive Brady e eu estamos apenas a tentar explorar todas as possibilidades. Temos de perceber se a senhora conhecia o marido da sua irmã e as suas rotinas. Talvez ela tenha falado consigo acerca dos problemas pessoais dos dois.

— Claro que sim. A Julie e eu éramos muito chegadas. Falávamos de tudo. — Por um momento, Jamie virou o rosto, esforçando-se por manter tudo sob controlo: voz, mãos, olhos. — Eu acho que tudo começou há alguns anos com cocaína social. — Ela sorriu, mas foi um sorriso débil e difícil. — A Julie odiava. Eles discutiam por causa disso. Começaram a discutir por causa de muitas coisas. Os últimos dois filmes dele não tiveram o sucesso esperado, nem a nível da crítica nem financeiramente. Os atores podem ser uma espécie delicada. A Julie estava preocupada porque o Sam se tinha tornado irritadiço e argumentativo. Mas, por mais que ela tentasse suavizar as coisas, a carreira dela estava em franca ascensão. Ele sentia-se ressentido por isso e começou a ficar ressentido com ela.

— Ele tinha ciúmes dela — disse Frank.

— Sim, quando deveria ter orgulho. Eles começaram a sair mais, a ir a festas, a clubes. Ele sentia que precisava de ser visto. A Julie apoiava-o nisso, mas ela era uma pessoa caseira. Eu sei que é difícil equiparar a imagem, a beleza, o *glamour*, com a mulher que era mais feliz em casa, no seu jardim, com a sua filha, mas a Julie era assim.

A voz de Jamie cedeu. Ela pigarreou, bebericou um pouco mais de café e

proseguiu: — Ela estava a trabalhar num filme com o Lucas Manning, intitulado *Fumo e Sombras*. Era um papel exigente e difícil. Muito físico. A Julie não podia dar-se ao luxo de trabalhar doze ou catorze horas e depois chegar a casa e ter de se aperaltar para sair noite após noite. Ela queria tempo para relaxar, tempo para estar com a Olívia. Então o Sam começou a sair sozinho.

— Surgiram uns rumores acerca da sua irmã e do Manning.

Jamie olhou para Tracy e acenou com a cabeça. — Sim, costuma haver sempre que duas pessoas bastante atraentes incendeiam o ecrã. As pessoas romantizam, e gostam muito de mexericos. O Sam acusava-a de se envolver com outros homens, mais recentemente com o Lucas em particular. A Julie considerava o Lucas seu amigo e um ator maravilhoso.

— Como é que o Sam reagia a isso? — perguntou-lhe Frank.

Ela suspirou e pousou a caneca, mas não deu sinal da dor de cabeça que estava a sentir. — Se tivesse sido há três ou quatro anos, ele teria rido do assunto e brincado com ela. Em vez disso, perseguia-a e atirava-lhe acusações. Ele acusava-a de tentar controlar a vida dele, de encorajar outros homens e, depois, de andar com outros homens. O Lucas era o seu alvo principal. A Julie ficava bastante magoada com isso.

— Algumas mulheres procuram o apoio de um amigo, de outro homem, quando estão sujeitas a esse tipo de pressão. — Frank observava-a atentamente quando os olhos dela brilharam e a boca se contraiu.

— A Julie levava o casamento a sério. Ela amava o marido. Aparentemente, o suficiente para o apoiar até ele a matar. E se querem dar a volta a isto e fazerem-na parecer reles e ordinária...

— Sra. Melbourne. — Frank ergueu uma mão. — Se queremos encerrar este caso, e que se faça justiça à sua irmã, precisamos de fazer perguntas. Precisamos das peças todas.

Jamie obrigou-se a respirar, inspirando e expirando lentamente, e serviu-se de mais café que não lhe apetecia. — As peças são simples. A carreira dela estava em ascensão e a dele estava a vacilar. Quanto mais vacilava, mais ele se metia nas drogas e mais a culpava a ela. Ela chamou a polícia naquela noite na última primavera porque ele a atacou no quarto da filha e ela teve receio pela Livvy. Ela tinha receio por todos.

— Ela pediu o divórcio.

— Essa foi uma decisão difícil para ela. Ela queria que o Sam procurasse ajuda médica e usou a separação como um incentivo. Acima de tudo, ela queria proteger a filha. O Sam tinha-se tornado instável. Ela não ia pôr a vida da filha em perigo.

— Contudo, parece que ela lhe abriu a porta na noite do crime.

— Sim. — A mão de Jamie tremeu uma vez. Ela pousou o café e cruzou os braços. — Ela amava-o. Apesar de tudo, ela amava-o e acreditava que, se ele conseguisse vencer as drogas, eles poderiam reatar. Ela queria ter mais filhos. Ela queria o marido de volta. A Julie teve o cuidado de manter a separação longe da imprensa. Para além da família, as únicas pessoas que tinham conhecimento disso eram os advogados. Ela esperava manter a situação assim o máximo de tempo possível.

— Ela ter-lhe-ia aberto a porta se ele estivesse sob influência de drogas?

— Foi isso que aconteceu, não foi?

— Estou apenas a tentar imaginar um cenário — disse-lhe Frank.

— Deve ter sido o que ela fez. Ela queria ajudá-lo e acreditava que conseguia controlá-lo. Se não fosse a Livvy, não acredito que ela tivesse metido os papéis.

Mas a filha dela estava em casa naquela noite, pensou Frank. *Em casa e a correr perigo*. — A senhora conhecia ambos muito bem.

— Sim.

— Na sua opinião, o Sam Tanner seria capaz de matar a sua irmã?

— O Sam Tanner com que a Julie se casou ter-se-ia atirado para a frente de um comboio para a proteger. — Jamie pegou de novo na caneca de café, mas o líquido não lavou o amargor que lhe revestia a garganta. — Aquele que têm sob custódia é capaz de qualquer coisa. Ele matou a minha irmã. Ele mutilou-a, apunhalou-a como um animal. Quero que morra por isso.

Jamie falava friamente, mas os seus olhos estavam quentes de ódio. Frank cruzou aquele olhar violento e acenou com a cabeça. — Compreendo o que sente, Sra. Melbourne.

— Não, detetive. O senhor nunca poderia compreender.

Frank não respondeu, e Tracy ajeitou-se na cadeira. — Sra. Melbourne — começou Frank. — Seria muito útil se pudéssemos falar com a Olívia.

— Ela tem quatro anos.

— Eu sei, mas a realidade é que ela é uma testemunha. Nós precisamos de saber o que ela viu, o que ouviu. — Lendo negação e hesitação no rosto dela, ele pressionou: — Sra. Melbourne, eu não quero causar-lhe, nem à sua família, mais sofrimento, e não quero transtornar a menina. Mas ela faz parte disto. É uma peça chave.

— Como pode pedir-me que a sujeite a isso, que a obrigue a falar do assunto?

— Está na cabeça dela. O que quer que ela tenha visto ou ouvido já está

lá. Nós precisamos de lhe perguntar o que foi. Ela conhece-me daquela noite. Sentiu-se segura comigo. Eu serei cuidadoso com ela.

— Céus. — Jamie levantou as mãos, pressionou os dedos contra os olhos e tentou pensar com clareza. — Eu tenho de estar presente. Tenho de ficar com ela, e o senhor para se eu disser que já chega.

— Muito bem. Ela sentir-se-á mais confortável na sua presença. Tem a minha palavra, farei os possíveis para não a perturbar. Também tenho um filho.

— Duvido que ele alguma vez tenha assistido a um assassinato.

— De facto, não, mas o pai é polícia. — Frank suspirou um pouco ao levantar-se. — Eles sabem sempre mais do que queremos.

— Talvez. — Ela não podia saber, refletiu Jamie enquanto os conduzia escada acima. David não quisera ter filhos e, como ela própria não tivera a certeza de os querer, dera-se por satisfeita em ser tia da filha da irmã.

Agora ia ter de aprender. Todos teriam de aprender.

Quando chegaram à porta do quarto, Jamie fez sinal para que os dois detetives se afastassem. Depois, entreabriu-a e viu que os pais estavam sentados no chão com Olívia a fazer um *puzzle* de crianças.

— Mãe, podes chegar aqui um instante?

A mulher que saiu do quarto tinha a pequena estatura de Jamie, mas parecia mais rija, mais atlética. O bronzeado e as pontas do cabelo castanho descoradas pelo sol revelavam a Frank que ela gostava do ar livre. Frank palpitava que ela andasse pela casa dos cinquenta e imaginava que ela passasse por mais nova quando o rosto não estava abatido e marcado com sofrimento. Os suaves olhos azuis, agora inflamados e inchados, passaram fugazmente pela cara de Frank e depois pela do parceiro.

— Esta é a minha mãe, Valerie MacBride. Mãe, estes são os detetives que... São eles que estão à frente da investigação — concluiu Jamie. — Eles precisam de falar com a Livvy.

— Não. — O corpo de Val entrou em alerta e ela fechou a porta atrás de si. — Isso é impossível. Ela não passa de um bebé. Não vou permitir. Não vou deixar que lhe lembrem o que se passou.

— Sra. MacBride... — Mas quando Frank começou a falar, ela virou-lhe as costas.

— Porque não a protegeram? Porque não mantiveram aquele canalha assassino longe dela? A minha bebé está morta. — Tapou a cara com as mãos e chorou silenciosamente.

— Por favor, esperem aqui — murmurou Jamie, colocando os braços em volta da mãe. — Vem deitar-te, mãe. Anda.

Quando Jamie regressou, o seu rosto estava pálido e mostrava sinais de choro. Mas os olhos já estavam secos. — Vamos acabar com isto. — Endireitou os ombros e abriu a porta.

O homem que ergueu os olhos tinha as longas pernas cruzadas ao estilo indiano. O cabelo era uma bela mistura de ouro e prata e emoldurava um rosto estreito bronzeado e atraente. Os olhos de âmbar-escuro que passara à filha mais nova, e à neta, tinham rugas e eram encimados por sobrancelhas escuras.

A mão, grande e comprida, pousou no ombro de Olívia num gesto instintivo de proteção enquanto ele estudava os homens atrás de Jamie.

— Pai. — Jamie obrigou-se a esboçar um sorriso. — Estes são os detetives Brady e Harmon. O meu pai, Rob MacBride.

Rob levantou-se, e embora tenha dado um aperto de mão a cada detetive, manteve-se entre os homens e a neta. — Que se passa, Jamie?

— Eles precisam de falar com a Livvy. — Jamie baixou a voz e agarrou na mão dele antes que ele pudesse protestar. — Eles precisam — repetiu ela, apertando-lhe a mão. — Por favor, papá, a mãe está transtornada. Ela está deitada no vosso quarto. Eu vou ficar aqui. Vou ficar aqui com a Livvy o tempo todo. Vai falar com a mãe. Por favor... — Como a voz ameaçava ceder, Jamie parou por um instante. — Por favor, temos de resolver isto. Pela Julie.

Ele dobrou-se e encostou a testa à dela. E permaneceu assim por momentos, corpo dobrado, a mão na dela. — Eu falo com a tua mãe.

— Onde vais, avô? Ainda não terminámos o *puzzle*.

Ele olhou para trás, lutando contra as lágrimas que queriam inundar-lhe os olhos. — Eu já volto, Livvy, meu amor. Não cresças enquanto eu estiver fora.

Ela riu-se das palavras do avô, mas o polegar já tinha encontrado o caminho até à boca enquanto ela fitava Frank.

Ela sabia quem ele era — o polícia de braços compridos e olhos verdes. A cara dele parecia cansada e triste. Mas ela lembrava-se que ele tinha uma voz agradável e mãos dóceis.

— Olá, Livvy. — Frank acorrou-se. — Lembras-te de mim?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça e falou com o polegar na boca. — É o polícia Frank. Foi o senhor que espantou o monstro. Ele vai voltar?

— Não.

— Pode encontrar a minha mamã? Ela teve de ir para o Céu e deve estar perdida. Pode ir procurá-la?

— Quem me dera. — Frank sentou-se no chão e cruzou as pernas como o avô da menina.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e cortaram o coração de Frank como lâminas minúsculas. — É por ela ser uma estrela? As estrelas têm de estar no céu.

Frank ouviu o gemido baixo de desespero de Jamie atrás dele, rapidamente controlado quando ela se aproximou. Mas naquele momento ele precisava da confiança da menina, por isso fez-lhe uma festa no rosto e deixou-se levar pelo instinto. — Às vezes, quando temos muita sorte, estrelas muito especiais ficam connosco durante um tempo. Quando elas precisam de voltar, nós ficamos tristes. Não faz mal ficar triste. Sabias que as estrelas também lá estão durante o dia?

— Não conseguimos vê-las.

— Não, mas elas estão lá e conseguem ver-nos. A tua mãe vai estar sempre lá a olhar por ti.

— Eu quero que ela volte para casa. Nós vamos dar uma festa no jardim com os meus bonecos.

— Os teus bonecos gostam de festas?

— Toda a gente gosta de festas. — Olívia pegou no Sapo Cocas que tinha trazido de casa. — Ele come escaravelhos.

— E gosta deles simples ou com molho de chocolate?

Os olhos de Olívia iluminaram-se. — Eu gosto de *tudo* com molho de chocolate. O senhor tem uma filha?

— Não, mas tenho um menino que costumava comer escaravelhos.

Olívia riu-se e o polegar voltou a sair da boca. — Não comia nada.

— Comia, sim. Eu tinha medo que ele ficasse verde e começasse aos pulos. — Frank pegou descontraidamente numa peça de *puzzle* e encaixou-a no sítio. — Gosto de *puzzles*. Foi por isso que me tornei polícia. Estamos sempre a resolver *puzzles*.

— Este é da Cinderela no baile. Ela tem um lindo vestido e uma abóbora.

— Às vezes resolvo os *puzzles* na minha cabeça, mas preciso de ajuda com as peças para conseguir construir a imagem. Achas que podes dar-me uma ajudinha, Livvy? Falando-me da noite em que nos conhecemos?

— O senhor foi até ao meu roupeiro. Eu achava que era o monstro, mas não era.

— Pois foi. Podes dizer-me o que foi que aconteceu antes de eu te ter encontrado?

— Eu escondi-me durante muito tempo e ele não sabia onde eu estava.

— É um bom esconderijo. Brincaste com o Cocas naquele dia, ou com *puzzles*?

— Brinquei com muitas coisas. A mamã não teve de ir trabalhar e nós fomos nadar para a piscina. Eu consigo ficar sem respirar debaixo de água porque sou como um peixe.

Ele puxou-lhe os cabelos para cima e espreitou para trás do pescoço.

— Pois, ali estão as guelras.

Os olhos dela esbugalharam. — A mamã diz que também consegue ver! Mas eu não consigo.

— Gostas de nadar?

— É a coisa mais divertida de todas. Eu tenho de ficar na parte baixinha e não posso ir sem a mamã ou a Rosa ou outra pessoa adulta. Mas um dia vou poder.

— Naquele dia brincaste com amiguinhos?

— Não. Às vezes brinco. — Contraíu os lábios e encaixou zelosamente mais uma peça do *puzzle*. — Às vezes, o Billy ou a Cherry ou a Tiffy vão à minha casa, mas naquele dia a mamã brincou comigo e dormimos a sesta e comemos uns biscoitos que a Rosa fez. E a mamã leu o guião dela e riu-se e disse ao telefone: «Lou, adoro!» — Livvy recitou num tom tão equilibrado e adulto que Frank ficou surpreendido. — «Sou a Carly. Já era tempo de pôr o dente numa comédia romântica com sagacidade. Fecha o negócio.»

— Ah... — Frank hesitava entre surpresa e admiração enquanto Livvy tentava encaixar mais uma peça do *puzzle*. — Muito bem. Tens uma boa memória.

— O papá diz que, se eu tivesse asas, era um papagaio. Eu lembro-me de montes de coisas.

— Aposto que sim. Sabes a que horas foste para a cama?

— Eu devia ir às oito horas. As galinhas vão chocar às oito horas. A mamã contou-me a história da senhora com o cabelo muito comprido que vivia na torre.

— Mais tarde acordaste. Estavas com sede?

— Não. — Levou novamente o polegar à boca. — Tive um sonho mau.

— O meu Noah também tem sonhos maus. Quando ele nos conta, depois sente-se melhor.

— O Noah é o seu filho? Que idade tem ele?

— Tem dez. Queres ver a fotografia dele?

— Sim. — Olívia aproximou-se quando Frank tirou a carteira do bolso. Esticando o pescoço, ela estudou a foto de escola do menino com cabelo castanho despenteado e um grande sorriso. — Ele é bonito. Talvez ele pudesse vir brincar comigo.

— Talvez. Às vezes, ele tem sonhos maus com extraterrestres.

Perdoa-me, Noah, por partilhar o teu segredo, pensou Frank com alguma diversão enquanto guardava a carteira. — Quando ele mos conta, sente-se melhor. Queres contar-me o teu sonho mau?

— Oiço pessoas a gritar. Eu não gosto quando a mamã e o papá brigam. Ele está doente e tem de ficar bom, e nós temos de desejar com muita força para ele ficar melhor e voltar para casa.

— No teu sonho ouviste a mamã e o papá a gritarem?

— Oiço pessoas a gritar, mas não consigo perceber o que dizem. Não quero perceber. Quero que parem. Quero que a minha mamã volte. Alguém grita, como nos filmes que a Rosa vê. Eles gritam e gritam, e eu acordo. Não oiço nada, porque era só um sonho. Quero a mamã.

— Foste ter com ela?

— Ela não estava na cama. Eu queria deitar-me com ela. Ela não se importa. Depois eu...

Olívia calou-se e dedicou bastante atenção ao *puzzle*.

— Está tudo bem, Livvy. Podes dizer-me o que aconteceu em seguida.

— Não posso mexer nos frascos mágicos. Não parti nenhum.

— Onde estão os frascos mágicos?

— Na mesinha com espelho da mamã. Quando eu for grande, posso ficar com alguns, mas são brinquedos para meninas crescidas. Só brinquei com eles um bocadinho.

Olívia olhou tão seriamente para Frank que ele não pôde deixar de sorrir. — Então não faz mal. O que foi que fizeste a seguir?

— Fui lá para baixo. As luzes estavam ligadas e a porta estava aberta. Estava calor lá fora. Talvez tivéssemos uma visita, talvez pudéssemos comer bolo. — Lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces. — Não quero dizer agora.

— Não faz mal, Livvy. Podes contar-me. Não faz mal contares-me.

E não fazia. Olívia olhou para os olhos verdes de Frank e sentiu que não fazia mal contar. — Cheira mal e há coisas partidas, e estão vermelhas e molhadas. As flores estão no chão e há vidros. Não podemos andar descalços ao pé de vidro porque magoa. Não quero pisar os vidros. Vejo a mamã e ela está deitada no chão e está cheia de vermelho molhado. O monstro está ao pé dela. Tem a tesoura dela na mão.

Olívia ergueu a sua, dedos bem fechados e um olhar vítreo. — «Livvy. Céus, Livvy» — disse ela numa imitação horrenda da voz do pai. — Eu fugi, e ele não parava de me chamar. Ele estava a partir coisas e vinha atrás de mim

a chorar. Eu escondi-me no roupeiro. — Mais uma lágrima tremeu e caiu. — Fiz chichi nas cuecas.

— Não faz mal, querida. Não importa.

— As meninas crescidas não fazem.

— Tu és uma menina muito crescida. E muito valente e esperta. — Quando ela sorriu para ele, Frank rezou para não ter de a submeter de novo àquilo.

Ele atraiu a atenção dela para o *puzzle*, fez um comentário tolo sobre abóboras falantes que a fez rir. Ele não queria que ela se recordasse dele com medo, sangue e loucura.

Mesmo assim, quando Frank chegou à porta e se virou para olhar para trás, os olhos de Olívia estavam fixos nele, silenciosamente suplicantes e com aquela assustadora expressão adulta que só os muito novos conseguem fazer.

Quando começou a descer as escadas, deu por si a pensar como Jamie Melbourne. Ele queria o sangue de Sam Tanner.

— Tem muito jeito para ela. — O controlo de Jamie tinha quase chegado ao fim das suas forças. Ela queria enrolar-se e chorar como fazia a mãe naquele momento. Mergulhar em tarefas e deveres como o marido. Qualquer coisa, qualquer coisa que não fosse reviver tudo aquilo, como acontecera através das palavras de Olívia.

— Ela é uma menina formidável.

— Saiu à mãe.

Ele parou então, virou-se e olhou diretamente para Jamie. — Eu diria que ela tem algo da tia.

O rosto de Jamie revelou alguma surpresa e depois ela suspirou. — Ela teve pesadelos ontem à noite, e estou constantemente a apanhá-la a fitar o vazio com aquela... expressão vaga nos olhos. A chuchar no dedo. Ela deixou de chuchar no dedo antes de fazer um ano.

— Ela procura tudo o que a possa reconfortar. Sra. Melbourne, agora tem muitas coisas a preocupá-la, e muitas mais virão. Vai ter de começar a pensar em ajuda médica, não só para a Olívia, mas para todos vocês.

— Pois, eu vou pensar nisso. Neste momento tenho de levar as coisas aos poucos. Quero ver o Sam.

— Essa não é uma boa ideia.

— Quero ver o homem que assassinou a minha irmã. Quero olhá-lo nos olhos. É essa a minha terapia, detetive Brady.

— Verei o que posso fazer. Agradeço o seu tempo e colaboração. E, uma vez mais, lamentamos a sua perda.

— Certifique-se de que ele paga. — Jamie abriu a porta e preparou-se para os gritos dos jornalistas e dos curiosos que se tinham aglomerado na rua.

— Manter-nos-emos em contacto — disse Frank.

Jamie fechou a porta e encostou-se a ela. Perdeu a noção de quanto tempo ali ficou, olhos fechados, cabeça baixa, mas endireitou-se de súbito quando sentiu uma mão no ombro.

— Jamie, precisas de descansar. — David abraçou-a. — Quero que tomes um comprimido e que te deites.

— Não, nada de comprimidos. Não quero a mente nem os sentimentos toldados. — Mas repousou a cabeça no ombro dele e libertou alguma pressão do peito. — Os dois detetives acabaram de sair.

— Devias ter-me ligado.

— Eles queriam falar comigo e com a Livvy.

— A Livvy? — David afastou-a ligeiramente para olhar para ela. — Por amor de Deus, Jamie, não os deixaste interrogar aquela criança, pois não?

— Não foi assim, David. — O ressentimento queria vir à tona, mas ela estava demasiado cansada para isso. — O detetive Brady foi muito delicado com ela, e eu estive presente o tempo todo. Eles precisavam de saber o que ela tinha visto. Ela é a única testemunha.

— Para o diabo com isso! Eles apanharam-no em flagrante. Ele estava lá, tinha a arma. E estava pedrado, como tem estado metade do tempo no último ano.

Em resposta ao olhar de alerta de Jamie em direção às escadas, ele sus- teve a respiração e a seguir expirou lentamente. *Calma*, lembrou a si mesmo. Tinham todos de manter a calma para conseguirem ultrapassar a situação. — Eles têm todas as provas de que precisam para o prenderem para o resto da vida — concluiu ele.

— Agora têm o depoimento da Livvy em como o viu e ouviu. — Levou uma mão à cabeça. — Não sei como isto funciona, não sei o que acontece em seguida. Não consigo pensar nisso.

— Desculpa. — Ele abraçou-a de novo. — Só não quero que tu, a Livvy, ou qualquer um de nós sofra mais do que é preciso. Quero que me chames antes de os deixares falar com ela outra vez. Acho que precisamos de consultar um psicólogo infantil para garantir que não é algo que a prejudica.

— Talvez tenhas razão. Mas ela gosta do detetive Brady. Percebe-se que se sente segura com ele. Eu transtornei a minha mãe. — Por um momento, encostou a cara ao pescoço de David. — Preciso de ir ter com ela.

— Está bem. Jamie... — Ele deslizou as mãos pelos braços dela e entrelaçou os dedos com os dela. — Vão libertar o corpo da Julie depois de amanhã. Podemos fazer o funeral no dia seguinte, se estiveres preparada. Já comecei a tratar das coisas.

— Oh, David. — Pateticamente grata, Jamie reprimiu um soluço. — Não precisavas de fazer isso. Eu ia fazer os telefonemas hoje, mais tarde.

— Eu sei o que queres para ela. Deixa-me tratar disto por todos nós, Jamie. Eu também a amava. — Levou as mãos dela aos lábios e beijou-lhe os dedos.

— Eu sei.

— Eu tenho de fazer alguma coisa. Os detalhes são o meu forte. Eu... ah, tenho estado a trabalhar num comunicado à imprensa. Tem de haver um. — David deslizou novamente as mãos pelos braços dela num gesto de conforto. — É mais a tua área do que a minha, mas entendi que quanto mais simples, melhor. Dou-to a ler antes de confirmar. Mas quanto ao resto... deixa-me tratar de tudo.

— Não sei o que faria sem ti, David. Não sei o que faria.

— Nunca vais precisar de descobrir. — Ele beijou-a suavemente. — Vai ter com a tua mãe e promete-me que vais tentar descansar.

— Sim, vou.

Ele esperou que ela subisse e depois dirigiu-se à porta para observar através dos painéis de vidro as pessoas sufocando lá fora com o intenso calor do verão.

E pensou em abutres sobre carne fresca.